

PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ALUNOS SURDOS EM SALAS INCLUSIVAS NO CARIRI CEARENSE

TEACHING AND LEARNING PROCESS FOR DEAF STUDENTS IN INCLUSIVE CLASSROOMS IN CARIRI CEARENSE

Lidiane Cristina Coelho

Licenciada em Letras/Libras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6971594705368905>

E-mail: coelholidiane2012@gmail.com

Juscelino Francisco do Nascimento

Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3532936503287691>

E-mail: juscelino@ufpi.edu.br

Resumo: No decorrer dos últimos tempos, a comunidade surda vem se mobilizando em todo o território nacional na luta pela defesa de uma educação equitativa de qualidade para as crianças surdas. Nesse prisma, a Educação Inclusiva vem passando por mudanças e transformações no que se refere à permanência do aluno surdo na escola. Pensando nesse aluno surdo que se faz presente em um ambiente escolar de ouvintes, objetivamos, nessa pesquisa, analisar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos surdos do Ensino Fundamental Anos Finais em salas inclusivas na rede pública de ensino localizadas em Juazeiro do Norte – CE. Diante desse contexto, nos deparamos com uma lacuna existente em relação a materiais reducionistas, conteúdos educacionais desenvolvidos, capacitação de professores e métodos pedagógicos visuais para o surdo. Para nos fundamentar nesta pesquisa, nos respaldamos em autores como Campelo (2007), Skliar (1999), Lacerda (2011), Perlim e Strobel (2008), dentre outros. Quanto à metodologia, seguimos uma abordagem qualitativa, em uma pesquisa exploratória com base em autores como Gil (2002) e Mazucato (2018), a partir de instrumentos específicos de análise descritiva como uma entrevista aplicada junto aos participantes. Para a geração de dados, faremos uma entrevista aberta com quatro professores que trabalham na rede pública de ensino no atendimento aos alunos surdos. Nesse sentido, a análise nos fará refletir sobre a educação do surdo em escolas públicas em turmas inclusivas, na preparação de materiais didáticos, além de contribuir para a formação continuada de professores, pedagogos e profissionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Como resultado desta pesquisa, foi desenvolvido um e-book em Libras, voltado para os professores ouvintes, com o propósito de preconizar a comunicação professor-aluno em sala de aula.

Palavras-chave: Escola Inclusiva. Materiais Reducionistas. Surdos.

Abstract: In recent times, the deaf community has been mobilizing across the country in the fight to defend an equitable quality education for deaf children. In this perspective, Inclusive Education has been undergoing changes and transformations regarding the permanence of deaf students at school. Thinking about this deaf student who is present in a hearing school environment, we aimed, in this research, to analyze the teaching-learning process of deaf students in Elementary School Final Years in inclusive classrooms in the public education network located in Juazeiro do Norte – CE. Given this context, we are faced with a gap in relation to reductionist materials, developed educational content, teacher training and visual pedagogical methods for the deaf. To base ourselves on this research, we rely on authors such as Campelo (2007), Skliar (1999), Lacerda (2011), Perlim and Strobel (2008), among others. As for the methodology, we followed a qualitative approach, in an exploratory research based on authors such as Gil (2002) and Mazucato (2018), using specific descriptive analysis instruments such as an interview applied to the participants. To generate data, we will carry out an open interview with four teachers who work in the public education system serving deaf students. In this sense, the analysis will make us reflect on the education of deaf people in public schools in inclusive classes, in the preparation of teaching materials, in addition to contributing to the continued training of teachers, pedagogues and Specialized Educational Service (AEE) professionals. As a result of this research, an e-book in Libras was developed, aimed at hearing teachers, with the purpose of promoting teacher-student communication in the classroom.

Keywords: Inclusive School. Reductionist Materials. Deaf.

Introdução

Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), instituição escolhida devido ao fato de que as universidades públicas que oferecem Mestrado em Educação (ou afins, como o nosso) relacionam as áreas de Políticas Educacionais, Ensino e Formação de Professores, o que demanda por mais pesquisas que sirvam de lastro para responder às novas mudanças sociais.

Nesse sentido, A UEPB vem desempenhando um papel relevante quando se soma à vanguarda de pesquisadores que vêm desbravando os novos caminhos da educação, formação e ensino. Sabe-se ainda que a referida instituição possui um histórico de êxito na formação de mestres e doutores e que, não obstante as políticas de inclusão, garante a seus alunos não apenas o direito ao ingresso, mas também lhes dá as condições de permanência e conclusão com respeito aos direitos linguísticos dos surdos, garantindo-lhes ampla acessibilidade aos componentes curriculares do curso.

Como Surda, tendo como primeira língua a Língua Brasileira de Sinais – Libras e a Língua Portuguesa como minha segunda língua em sua modalidade escrita, tal garantia é fator preponderante e norteador de minha escolha pelo mestrado da UEPB.

Como catarinense, vivo dois caminhos diferentes nas regiões Sul e Nordeste, em dois mundos distintos. Quando eu era criança, estudei em uma escola bilíngue chamada Instituto de Audição e Terapia de Linguagem – IATEL, localizada no centro de Florianópolis, voltada para surdos. Depois, cresci em uma escola inclusiva, onde sempre havia diversos intérpretes de Libras nas salas de aula. Mais tarde, fiz graduação em Letras/Libras, na Universidade Federal do Paraná (UFPR), de 2017 a 2021.

Durante a graduação, participei de uma pesquisa de Iniciação Científica sobre a acessibilidade linguística em espaços culturais, especificamente no Museu Paranaense, que despertou em mim o desejo de criar espaços mais acessíveis para crianças surdas.

Quanto ao Curso de Licenciatura em Libras, ele

[...] apresenta entre suas funções institucionais o fortalecimento da língua brasileira de sinais como língua de cultura, por meio da produção e socialização de conhecimento interdisciplinar em instâncias sociais promotoras da cidadania, com vistas à inclusão social de pessoas surdas. Nesse contexto, este projeto tem como objetivo produzir materiais pedagógicos em língua brasileira de sinais, contribuindo para a acessibilidade linguística, acesso à cultura e inclusão social de pessoas surdas no espaço museológico. Entende-se o museu como instituição cultural que pode contribuir na formação do professor, oferecendo seu legado para ampliar a educação escolar e o acesso ao conhecimento. O projeto está sendo desenvolvido, desde 2017, no Museu Paranaense, em Curitiba, e tem como produto o desenvolvimento de material didático denominado “Videoguias Bilíngues” (Libras e Língua portuguesa) com a participação de acadêmicos bolsistas do curso de Letras Libras. A abordagem pedagógica aplicada à metodologia de produção do material didático que integrará o acervo do Museu Paranaense fundamenta-se em uma concepção de letramento bilíngue acadêmico (Fernandes 2003, 2006, 2011) e tem como foco a formação do futuro docente de Libras, potencializando o desenvolvimento de metodologia específica na produção de materiais pedagógicos bilíngues, pesquisa e sistematização de léxico especializado multidisciplinar em Libras e a maior circulação e visibilidade da língua brasileira de sinais em espaços culturais. (UFPR, 2019).

Destaco que é muito importante ter acessibilidade linguística nos museus, tornando-os públicos e acessíveis para todos. Assim, a tecnologia de vídeos visuais em Libras, juntamente com imagens, proporciona uma combinação eficaz entre letramento e alfabetização para grupos de estudo de surdos e ouvintes.

As razões que me levaram a optar pela linha de pesquisa “Políticas Educacionais, Ensino e Formação” dizem respeito, primeiramente, à minha afinidade com o tema, porque tenho experiência em trabalhar com alunos surdos e ouvintes na educação inclusiva. Além disso, minha formação acadêmica vem ao encontro dessa linha e grupo de pesquisa, visto a relação existente entre a área de Letras/Libras e a área de Educação, a área de educação está diretamente ligada ao curso de Letras Libras, que promove o uso da língua de sinais como língua natural para alunos surdos na educação geral.

Atualmente, moro em Juazeiro do Norte, a segunda maior cidade do estado do Ceará, localizada no sertão, na caatinga. De acordo com os dados do censo, a população total do município é de 278.264 habitantes (IBGE, 2021).

A região do Sertão do Cariri é composta por diversas cidades pequenas, próximas a Juazeiro do Norte, tais como Abaiara, Altaneira, Antonina do Norte, Araripe, Assaré, Aurora, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Campos Sales, Caririçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi, Salitre, Santana do Cariri, Tarrafas e Várzea Alegre.

O crescimento da educação bilíngue para surdos no estado do Ceará é animador e se traduz em grandes expectativas para a comunidade surda deste estado. Mais recentemente, em 2014, houve a implantação de escola bilíngue em tempo integral em três unidades da rede estadual: Instituto Cearense de Educação de Surdos, Instituto Filippo Smaldone e Francisco Suderlan Bastos Mota, de Fortaleza. A iniciativa atende estudantes surdos do 1º ano do Ensino Fundamental, facilitando a aprendizagem dos conteúdos escolares na língua materna (Libras) e na modalidade escrita da Língua Portuguesa, nem todas as escolas são bilíngues, e há diversas metodologias utilizadas em salas bilíngues, onde se pratica tanto a língua oral quanto a língua de sinais, além do ensino da língua portuguesa na forma escrita.

Na capital do estado, Fortaleza, há três escolas bilíngues, mas no município de Juazeiro do Norte não há nenhuma instituição em que se trabalhe somente com a língua de sinais, ou seja, somente existe o atendimento de alunos surdos com escolas regulares inclusivas com ensino de Libras ou na sala de Atendimento Educacional Especializado - AEE, o que não é suficiente para o aluno surdo.

Portanto, cabe a indagação: o atual número de escolas bilíngues é capaz de atender a toda a população de crianças e jovens surdos do Brasil, considerando, por exemplo, que, segundo o IBGE (2010), só na cidade de Juazeiro do Norte há mais de 14 mil surdos?

Existe, aqui, a Associação dos Surdos de Juazeiro do Norte (ASJUA), fundada em 26 de fevereiro de 2011 e da qual sou vice-presidente. No Cariri, a ASJUA é a única associação dedicada à comunidade surda, promovendo diversos movimentos e lideranças na luta pelos direitos dos surdos.

Também existe a Universidade Federal do Cariri (UFCA), que oferece o curso de Licenciatura em Letras/Libras, iniciado em 2019. No entanto, poucos surdos estão matriculados nesse curso, que continua em funcionamento até o presente momento.

Temos, ainda, o Instituto Transformar – INTRA, fundado em 6 de julho de 2001, uma referência famosa, pois foi o primeiro a ser fundado e marcou a história da comunidade surda. Muitos surdos idosos, adultos, jovens e crianças usam a Libras e convivem com professores ouvintes e missionários ouvintes. Foi nesse ambiente que descobriram a possibilidade de se tornarem profissionais intérpretes de Libras.

Considerando os pontos elencados, houve o interesse em desenvolver essa proposta de intervenção com base na seguinte problemática e questão norteadora: como se deve o processo de ensino-aprendizagem dos alunos surdos em salas inclusivas, tendo em vista que esses alunos estão matriculados em escolas de ouvintes?

Reconhecer minha trajetória e afinidade com a área, nesse sentido, é submeter essa pesquisa às minhas vivências e experiências em um contexto de aprendizagem em escola regular,

o que é relevante na escolha desse tema, por isso, enquanto trabalhava na escola regular na sala inclusiva, observei os espaços dentro da escola e da sala destinados a alunos surdos junto com diversos alunos ouvintes.

Diante do objeto proposto e da questão norteadora, esta investigação tem como objetivo geral analisar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos surdos do Ensino Fundamental Anos Finais em salas inclusivas na rede pública de ensino localizadas em Juazeiro do Norte-CE. A pesquisa tem como cenário as escolas: Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Leão Sampaio e Escola Estadual de Ensino Fundamental Tarcila Cruz Alencar. A justificativa para a escolha destes locais se deve ao fato de serem as escolas do estado e do município que têm participantes surdos em sala inclusiva, totalizando 8 estudantes, com uma idade média entre 8 anos até 14 anos.

A fundamentação teórica deste trabalho é respaldada nas contribuições de Campelo (2007), Skliar (1999), Lacerda (2011), Perlim e Strobel (2008) entre outros. Quanto à metodologia, a pesquisa se caracteriza pela abordagem qualitativa, ao passo que, do ponto de vista dos objetivos, é exploratória. Nesse aspecto, baseamo-nos em autores como Gil (2002), Mazucato (2018) e utilizamos como instrumento de pesquisa uma entrevista aberta com as 4 pessoas que trabalham na rede pública de ensino no atendimento com os alunos surdos.

Com esta pesquisa, espero contribuir para que muitos professores conheçam os materiais adaptados, sem confundi-los com materiais reducionistas. Muitos profissionais pensam que é fácil criar materiais adaptados para alunos surdos que se combinam com o material didático. Infelizmente, nós, surdos, preferimos chamar esses materiais de reducionistas, porque os materiais adaptados são simplificados, removendo algumas informações e usando mais recursos visuais, mas muitas vezes sem incluir alfabetização.

Como os alunos surdos vão aprender a primeira e a segunda língua ao mesmo tempo? Quando eu trabalhava em uma escola inclusiva com meus alunos surdos, a maioria dos professores ouvintes pensava que era melhor usar material adaptado mais simples para que eles pudessem estudar. No entanto, não concordamos com isso. Preferimos ter material reducionista para criar recursos justos em letramento e alfabetização para alunos surdos, que precisam aprender duas línguas ao mesmo tempo. Esses materiais não podem omitir informações, exceto quando a informação se refere especificamente a sons, música, fonemas e outros elementos de alfabetização que não se aplicam aos surdos. Por isso, é importante participar e saber como criar materiais reducionistas justos sem omissões de informações.

Metodologia

Para a realização desta pesquisa, seguimos uma abordagem qualitativa, a qual, segundo Prodanov e Freitas, não se limita a números; mas também nos permite descobrir diversas possibilidades e descrições. Para esses autores, “o papel do método estatístico é, essencialmente, possibilitar uma descrição quantitativa da sociedade, considerada como um todo organizado. (Prodanov; Freitas, 2013, p. 38).

Segundo Prodanov e Freitas (2013), é importante obter resultados quantitativos, mas os qualitativos oferecem respostas mais detalhadas para destacar as diferenças observadas na pesquisa. Isso se deve ao fato de que os detalhes proporcionam uma compreensão mais aprofundada do que realmente ocorre na educação inclusiva, diferente do cenário idealizado que muitos funcionários ou alunos acreditam existir.

Não se trata apenas do campo de atuação onde os profissionais trabalham, mas também de como atendem a diversos alunos, incluindo aqueles com deficiência auditiva e outras deficiências. É crucial saber se eles defendem políticas linguísticas e culturais em seu ambiente de trabalho ou se apenas buscam dados sobre a presença de alunos surdos no sistema antes de colocá-los em escolas inclusivas, esquecendo a Lei Brasileira de Inclusão (LBI). É necessário, pois, promover mais formações para instrutores, professores e intérpretes de Libras para ampliar as vagas em escolas inclusivas, especialmente considerando que há mais de 10 milhões de surdos no Brasil, segundo o IBGE.

A implementação de salas bilíngues, salas de reforço ou escolas bilíngues enfrenta

dificuldades. Pais ouvintes precisam ser orientados a ensinar a primeira língua de sinais e a segunda língua, o português, a seus filhos surdos, como em uma abordagem bilíngue. Esta situação é mais desafiadora do que no passado, quando, na minha infância, por exemplo, havia intérpretes de Libras e muitas crianças surdas recebiam educação bilíngue até a 4ª série. Eu sempre aprendi duas línguas, mas por que eles não?

Infelizmente, muitos pais poderiam ter reivindicado o direito de matricular seus filhos surdos em escolas onde os professores fossem capacitados, mas muitas vezes esses professores não estavam preparados. Muitos professores de AEE e outras áreas não sabiam Libras, o que dificulta o ensino na sala inclusiva. Como podem avaliar e aprovar esses alunos se não há as ferramentas necessárias para ensiná-los, adequadamente, resultando em aprovações sem aprendizagem real?

Já observei muitas situações em que professores não tiveram tempo ou recursos para atender esses alunos de maneira adequada, por falta de responsabilidade. A responsabilidade recai sobre os professores, que precisam de mais suporte para cumprir seu papel efetivamente.

Para a geração dos dados que compõem esta pesquisa, foram feitas entrevistas com duas pessoas que trabalham com acessibilidade ou educação inclusiva/especial na Secretaria da Educação em Juazeiro do Norte – CE.

Por meio da pesquisa, foi possível investigar quantos alunos surdos estavam matriculados nas escolas inclusivas, e por que não são criadas turmas ou escolas bilíngues, de modo que eles possam ter acesso a uma educação de mais qualidade, tendo a Libras como sua língua de instrução.

Referencial Teórico

Os professores, sejam surdos ou ouvintes, bilíngues em Libras e português, muitas vezes não compreendem plenamente o conceito de profissional bilíngue no contexto da educação de surdos. Isso se deve à ideia de que as línguas devem ser tratadas de forma separada, pois não concordamos com essa abordagem, já que o conceito de bilíngue abrange L1 e L2.

A política raramente aceita destinar verbas para a criação de escolas bilíngues para surdos, principalmente devido à burocracia, à falta de estrutura física e ao número de alunos surdos matriculados em escolas inclusivas. Além disso, a localização dos alunos surdos, seja em áreas rurais ou urbanas, também influencia esse cenário. Outro fator a ser considerado é a adaptação de modelos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Projeto Político Pedagógico (PPP) à realidade da educação bilíngue, algo que é raramente contemplado.

A educação bilíngue abrange diversos tipos de línguas na sala de aula, seja em instituições de ensino públicas ou privadas. A maioria das instituições públicas oferece duas ou mais línguas, como português e inglês ou espanhol. No entanto, é difícil encontrar disciplinas de Libras nas escolas municipais, o que limita as oportunidades dos alunos de aprenderem mais de uma língua. Isso se deve, em parte, ao fato de que essas línguas não são utilizadas constantemente no Brasil. A importância da língua inglesa no cenário internacional é inegável, mas a falta de prática na comunicação pode prejudicar os alunos.

O problema reside no fato de que os ouvintes podem aprender a língua materna em casa antes mesmo de seus pais os matricularem no ensino formal. Contudo, a maioria dos pais ouvintes com filhos surdos não possui conhecimento sobre Libras, o que resulta em muitos deles ensinando a fala aos filhos surdos. A eficácia desse método depende do uso de aparelhos auditivos ou do Implante Coclear (IC) para treinar a fala; no entanto, a escolha da língua materna confortável para os surdos é variada. Ao chegar na escola, muitas vezes os alunos encontram apenas a Língua Portuguesa, sem o uso da Libras, o que resulta em um atraso na aprendizagem da primeira ou segunda língua. Além disso, as escolas frequentemente não oferecem o ensino de Libras e apenas contratam professores bilíngues de Libras.

Compreendemos, portanto, que é de grande importância oferecer cursos de atualização para os profissionais bilíngues de Libras, tanto na Secretaria Estadual de Educação quanto nas universidades estaduais e federais. Esses profissionais precisam adquirir conhecimento nas áreas de alfabetização e letramento, com diferentes metodologias, para atender de forma eficaz os diversos alunos surdos.

Desenvolvimento, resultados e discussão

Conforme anunciado anteriormente, este capítulo está dedicado à análise e discussão dos dados obtidos por ocasião da aplicação dos questionários e realização das entrevistas com os dois participantes.

Para a melhor visualização das respostas dadas no Questionário 1, apresentamos, abaixo, o Quadro 1:

Quadro 1. Respostas para o questionário 1

PERGUNTA	PARTICIPANTE 1	PARTICIPANTE 2
Qual é o seu nome?	P1	P2
Qual é a sua formação acadêmica?	Licenciada em Geografia	Licenciado em Educação Física e em fase de conclusão do Curso de Letras/Libras
Possui pós-graduação lato sensu?	Especialização em Libras e Meio Ambiente	Especialização em Libras
Há quanto tempo atua na Secretaria de Educação?	Já trabalhava em 2008 até 2011 na SEDUC. Depois, de 2011 até 2016, voltei na escola. Depois comecei a trabalhar de novo na SEDUC em 2017 até agora.	Aqui na Secretaria de Educação entrei em 2021, mas já trabalhava em outra cidade.
Em qual escola você trabalha com acessibilidade?	Trabalho na Secretaria de Educação, mas oriento todas as escolas. Algumas escolas têm acessibilidades e outras não.	Trabalho dentro da escola XXXXX e XXXXX.
Com quantos alunos surdos você atua na sala inclusiva?	Eu trabalho na sala em que não há acessibilidade, mas oriento todos os alunos surdos, uns 28 mais ou menos. A principal é na classe bilíngue, que tem 7 alunos surdos. Com quantos alunos surdos você atua na sala inclusiva?	Trabalho com dois alunos surdos, que estão em salas separadas.

Fonte: Coelho (2024)

Conforme se vê no quadro acima, os dois participantes são formados em áreas diferentes – Geografia e Educação Física (P2 está finalizando a Licenciatura em Letras/Libras) e ambos possuem pós-graduação em Libras. Atualmente, os dois trabalham na Secretaria de Educação há algum tempo, acumulando experiências e desempenhando funções administrativas distintas em salas separadas dentro da mesma secretaria.

Ele relatou que ainda há pouca acessibilidade nas escolas inclusivas. Atualmente, existe apenas uma sala bilíngue com 7 alunos surdos, destinada ao Ensino Fundamental. Além disso, há orientação para 28 alunos surdos que frequentam escolas inclusivas. Vale destacar que esses 28 alunos, que residem em diferentes bairros e têm idades e séries variadas, são jovens surdos matriculados no Ensino Médio.

Infelizmente, ainda não há uma sala ou escola bilíngue no Ensino Médio devido à falta de estrutura e de profissionais capacitados para implementar uma escola bilíngue de surdos em Juazeiro do Norte. Independentemente de onde os alunos residam, é importante oferecer transporte e convidar os pais para conhecer a escola. Dessa forma, eles poderiam se sentir mais seguros e motivados a levar seus filhos surdos para uma educação bilíngue de qualidade.

Sabemos que há muitos alunos surdos nas escolas inclusivas. Com base nisso, questionamos se é possível conseguir dados precisos sobre os alunos surdos que realmente estudam.

Pensando nisso, fizemos as seguintes perguntas aos nossos colaboradores:

- Como funciona o planejamento dos alunos que precisam de instrutores de Libras? O instrutor ajuda na elaboração das atividades ou apenas segue um planejamento já feito?
- Qual é a importância da formação na preparação dos instrutores para lidar com os desafios enfrentados durante o processo de ensino?
- Como a formação inadequada pode impactar negativamente a eficácia do instrutor escolar em contextos inclusivos?

Quadro 2. Respostas para o questionário 2

PERGUNTA	PARTICIPANTE 1	PARTICIPANTE 2
Como funciona o planejamento dos alunos que precisam de instrutores de Libras? O instrutor ajuda na elaboração das atividades ou apenas segue um planejamento já feito?	<p>Tem diversos alunos, por exemplo, na classe bilíngue, e também há professores bilíngues.</p> <p>O coordenador pedagógico faz o planejamento junto comigo.</p> <p>Nos planejamentos, organizamos atividades e materiais visuais, imagens de todas as disciplinas.</p> <p>A escola inclusiva conta com intérpretes e planejamento, é só combinar os temas e disciplinas. Ao lado do instrutor, há um ouvinte.</p> <p>O planejamento é normal e é feito junto com os professores de AEE e outros professores da sala regular.</p>	<p>Não conheço como organizar os planejamentos.</p> <p>O instrutor... Sei que não há instrutores que respeitam os planejamentos criados pelos professores. O instrutor deve trabalhar respeitando e organizando os planejamentos do professor.</p>
Qual é a importância da formação na preparação dos instrutores para lidar com os desafios enfrentados durante o processo de ensino?	<p>É importante que o instrutor tenha o primeiro contato com o aluno surdo para ensinar a Língua de Sinais. Os surdos precisam ser fluentes, pois é fundamental que aprendam Libras de forma correta. Ter um instrutor surdo é importante, pois ele possui uma identidade que se conecta com os alunos. No entanto, atualmente não há instrutores surdos, só temos um instrutor ouvinte.</p>	<p>É importante que o instrutor tenha uma formação adequada, pois isso ajuda a criar uma perspectiva em que os surdos se sintam à vontade para expressar suas diversas culturas. A intimidade com a língua também melhora a motivação para aprender, permitindo que adquiram conhecimento de forma mais rápida.</p>

<p>Como a formação inadequada pode impactar negativamente a eficácia do instrutor escolar em contextos inclusivos?</p>	<p>Todos os alunos precisam ter uma formação prática adequada, porque os alunos ouvintes e professores que não têm formação podem ensinar coisas erradas, e os alunos surdos também aprendem de forma incorreta. É importante que o instrutor, professor e intérprete de Libras tenham a formação necessária; caso contrário, os alunos aprenderão palavras, frases e sinais errados. A formação é fundamental para garantir que o ensino seja correto.</p>	<p>Todos os alunos precisam ter uma formação prática adequada, porque os alunos ouvintes e professores que não têm formação podem ensinar coisas erradas, e os alunos surdos também aprendem de forma incorreta. É importante que o instrutor, professor e criar barreiras tanto na língua quanto na cultura.</p>
--	---	---

Fonte: Coelho (2024)

Observa-se que P1 e P2 deram respostas semelhantes sobre os planejamentos e atividades que ainda não estão sendo realizadas. Os instrutores surdos de Libras, por exemplo, acabam trabalhando de forma independente, criando sozinhos os planejamentos, atividades e materiais didáticos. Infelizmente, a Secretaria de Educação não parece dar a devida atenção à educação voltada para o atendimento de alunos surdos e de outros estudantes com deficiências diversas, nem faz esforços para identificá-los nas escolas inclusivas. Assim, esses profissionais acabam trabalhando de forma isolada.

P1 relatou que existe um planejamento para uma sala bilíngue, que está sendo organizado por ele e por um coordenador pedagógico. Contudo, apenas esses dois profissionais estão envolvidos nesse planejamento. Ambos, P1 e P2, concordam que é fundamental ter instrutores surdos ensinando alunos surdos, pois, além do ensino, eles também servem como exemplo de identidade e cultura surda, promovendo uma formação e transmissão de conhecimento mais imediata e significativa, uma vez que compartilham a mesma experiência de surdez. Infelizmente, no entanto, há apenas um instrutor ouvinte trabalhando em uma escola inclusiva. Esse instrutor colabora com o professor do AEE (Atendimento Educacional Especializado) e outros profissionais. A questão levantada é: por que os instrutores surdos não têm a mesma oportunidade de participação e colaboração nesses planejamentos?

Na última resposta, P1 e P2 ressaltaram a importância de oferecer formações adequadas para professores bilíngues, para que esses profissionais tenham o conhecimento necessário em Libras e saibam como ensinar corretamente os novos alunos surdos. Segundo eles, é essencial que existam oportunidades de formação inicial e continuada, que tragam novos conhecimentos, planejamentos e materiais didáticos atualizados.

Por meio das entrevistas, evidenciamos o desrespeito à Lei da Libras, Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão.

Percebemos que muitos alunos surdos não sabem Libras, e nem a escola nem a Secretaria de Educação respeitaram isso, contrariando o Decreto no 5.626/2005, que determina que, se houver alunos surdos em uma escola, deve-se contratar intérpretes de Libras, um direito linguístico desses estudantes.

Lembro que, conforme os autores Sturmel e Thoma (2015, p. 12), “[...] marcam o direito linguístico como direito humano fundamental, entendendo que a escola comum não possibilita a garantia desse direito por meio da oferta do Atendimento Educacional Especializado em turno oposto ao da educação na classe comum com ouvintes”.

Além disso, a organização dos materiais, planos de aula e conteúdo para alunos surdos frequentemente fica em segundo plano, pois há uma preocupação maior com outras deficiências e

transtornos do que com os alunos surdos. Isso se deve à diferença linguística, e muitos profissionais não sabem Libras nem têm ideia de como preparar as aulas, organizar os planos e elaborar as atividades.

Como se vê no Quadro 2, P1 e P2 destacaram a relevância de promover uma colaboração justa entre professores/instrutores surdos e ouvintes. Não é justo, segundo eles, que profissionais que desempenham a mesma função trabalhem de maneiras tão diferentes, com um realizando o planejamento e o outro não. Essa disparidade não deveria ocorrer apenas com os instrutores, mas com todos os professores das diversas disciplinas, as gestões escolares e até mesmo a Secretaria de Educação.

Essas perguntas são essenciais para entender a área de atuação dos instrutores de Libras, já que eles sabem Libras e trabalham na acessibilidade. Com base nas respostas obtidas, buscamos *insights* para melhorar a educação inclusiva em Juazeiro do Norte – CE.

Com esta investigação, busco investigar como os professores bilíngues, tanto ouvintes quanto surdos, são orientados quanto à preparação de metodologias para alunos surdos. Também me interessa saber se eles têm formações iniciais, continuadas e outros projetos voltados à aprendizagem, à alfabetização e ao letramento, bem como ao ensino da Libras.

As entrevistas foram realizadas na tarde do dia 18 de outubro de 2024, na sala de reunião da Secretaria Municipal de Educação, com duração, em média, de 30 minutos. Além disso, foram aplicados dois questionários. No primeiro, a Participante 1 preferiu que o Participante 2 lesse as minhas perguntas em voz alta. Em seguida, P1 respondeu em Libras, com o vídeo sendo gravado. Depois, fizemos o contrário: P1 leu para que P2 respondesse às perguntas.

Percebi que, apesar de as respostas serem diferentes, eles compartilharam dificuldades semelhantes, especialmente no trabalho da equipe de acessibilidade para atender todas as escolas inclusivas. Recentemente, foi aberta uma classe bilíngue, mas ainda estão nos iniciais de planejamento, da estrutura, planejamentos e Projeto Político Pedagógico (PPP).

Lembro-me do contexto em que comecei a trabalhar como instrutora de Libras em uma escola da Prefeitura, em 2022 e 2023. Naquela época, não havia nenhum planejamento, e os professores de diversas disciplinas não me forneceram materiais, nem me convidaram para as reuniões sobre os alunos surdos.

Como eles poderiam avaliar se os alunos realmente estavam aprendendo sem buscar minha opinião? Era difícil criar estratégias e trabalhar de forma independente. Até hoje, a Secretaria de Educação não oferece formações adequadas para instrutores ou professores de Libras.

Atualmente, existe apenas um professor de Libras surdo trabalhando na classe bilíngue, sem o apoio de outros instrutores surdos; apenas três intérpretes de Libras nas escolas públicas e um instrutor de Libras ouvinte.

As respostas dadas pelos Participantes 1 e 2 refletem experiências mais negativas, embora haja um ponto positivo, que é a existência de uma classe bilíngue.

Assim, podemos torcer para que, no futuro, a criação de uma escola bilíngue seja uma realidade.

De posse dos dados da pesquisa, pensando na responsabilidade social que este Mestrado traz, pretendo apresentá-los à Secretaria de Educação, que precisa disseminar todas as informações relacionadas à presença de alunos surdos nas escolas, já que é a Secretaria a responsável por resolver quaisquer problemas relacionados à educação inclusiva, especialmente pelo fato de que não há, até o momento, uma escola bilíngue para surdos no Cariri Cearense.

Considerações finais

Neste artigo, tivemos o objetivo de analisar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos surdos do Ensino Fundamental Anos Finais em salas inclusivas na rede pública de ensino localizadas em Juazeiro do Norte – CE. Para tanto, buscamos informações e dados relacionados a diversas leis, como a Lei de Libras e a Lei da Inclusão, além de abordar questões sobre profissionais de tradução e interpretação, identidades surdas, novas identidades surdas e a atuação de professores surdos.

Nesse contexto, analisamos os diferentes povos surdos, os modelos de professores surdos e os registros históricos da educação de surdos, com um foco especial na cidade de Juazeiro do Norte.

Observamos que, na região do Cariri Cearense, ainda há escassez de informações sobre a educação de surdos, evidenciando a necessidade de mais pesquisas, registros e documentos oficiais. Assim, este trabalho se torna fundamental para registrar as diversas experiências educacionais dos surdos em todo o mundo, no Brasil, em diferentes contextos e situações.

Desse modo, este trabalho contribuiu para ampliar minha visão e me proporcionou experiência como instrutora de Libras na área educacional, conectando-me diretamente ao tema proposto. Por isso, é importante destacar que essas vivências me ofereceram a oportunidade de atender a diversos alunos em contextos educacionais variados, como a educação inclusiva, a educação infantil (creche), a EJA e o ensino bilíngue. É essencial divulgar nossas experiências, propor novas pesquisas e fomentar discussões, pois acredito que é fundamental realizar investigações científicas que reflitam as realidades da educação de surdos. Contudo, reconheço a dificuldade em encontrar estudos que abordem a diversidade de áreas e questões que desejamos explorar. Assim, é necessário considerar que tanto a educação quanto o tempo estão em constante transformação.

A análise final dos dados obtidos nas entrevistas com duas pessoas que trabalham na Secretaria de Educação de Juazeiro do Norte revelou que a maior responsabilidade recai sobre a Secretaria de Educação, e não exclusivamente sobre as escolas. Infelizmente, muitas escolas ainda desconhecem a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a cultura surda e as especificidades dos alunos surdos. Essa falta de conhecimento reflete-se na atuação dos profissionais das escolas, que, em muitos casos, sequer compreendem as necessidades dos alunos surdos. Mas, afinal, quem é responsável por isso? A responsabilidade maior recai sobre a Secretaria de Educação, que deveria garantir formações iniciais e continuadas, promover novas discussões, atualizar os Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) e propor estratégias eficazes. Pelo que constatamos, até o momento, foi realizado um único debate anual sobre alunos surdos-autistas, mas e as outras demandas?

Observa-se que, quando os profissionais optam por trabalhar em escolas inclusivas, enfrentam grandes desafios ao lidar com a diversidade de alunos nas salas de aula. Logo, é fundamental que haja uma parceria entre os professores da sala de aula regular e os do Atendimento Educacional Especializado (AEE), além de reuniões conjuntas com pais, gestores escolares e coordenadores pedagógicos. Esses profissionais frequentemente recorrem à Secretaria de Educação, solicitando soluções ou expressando suas dificuldades diante de situações em que os alunos não conseguem aprender adequadamente.

Entre os principais problemas apontados, estão a ausência de materiais didáticos, a necessidade de atualizações no PPP e a falta de conteúdos adequados. Apesar dessas demandas, até o momento, pouco foi feito para resolver essas questões de forma eficaz.

É um grave prejuízo para a educação não oferecer qualidade e igualdade aos alunos, especialmente quando eles têm poucas oportunidades de aprendizagem e não têm acesso à sua própria língua natural. Além disso, muitos profissionais ainda não sabem Libras, de modo que não estão inteiramente aptos a ensinar, adequadamente, os alunos surdos em salas inclusivas. Esse cenário foi evidenciado nos resultados das entrevistas com os participantes P1 e P2, apresentados nas tabelas 01 e 02.

Isso leva à reflexão de que esta pesquisa pode contribuir de alguma forma, pois ainda não existem projetos consolidados ou resultados definitivos. Estamos em um processo de desenvolvimento contínuo da educação inclusiva. Contudo, o problema não é apenas a falta de verbas, mas também a falta de organização, informações e, sobretudo, de interesse na área educacional.

Ainda no ano 2024, momento de término desta pesquisa, é urgente a necessidade de atualizar os Projetos Políticos Pedagógicos (PPP), revisar e fortalecer a educação inclusiva, bem como promover reuniões e debates que abordem questões como metodologias, conteúdos voltados para o letramento e a alfabetização. Embora a criação de escolas bilíngues ainda seja um processo demorado e inexistente em muitas cidades, o momento exige foco nas escolas inclusivas, buscando resolver os desafios atuais e planejar um futuro em que todos os alunos possam ter acesso a uma aprendizagem de qualidade. Por isso, ao chegar ao fim deste texto, faço um apelo aos profissionais da área: não esperem mais, ajam com urgência para construir uma educação inclusiva e transformadora!

Referências

BEZ BATTI, C. N. **História dos Surdos de LAGUNA**: Resgatando o passado e construindo o futuro. Laguna/SC. Editora Vecchio (Selo Inclusificando), 2024.

CARVALHO, V. F.; CAMPELLO, A. R. S. **A existência de quatorze (14) identidades surdas**. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2792>>. Acesso em 28 dez. 2023.

CUNHA JUNIOR, E. P. **O Embate em Torno das Políticas Educacionais para Surdos**: Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. Jundiaí, Paco Editorial; 2015.

CUNHA JÚNIOR, E. P. **Surdos Professores: A Constituição de Identidades por meio de Novas Categorias pelo Trabalho em Territórios Educativos**. 2022 Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

FRANÇA, A. P. P. **Considerações sobre o ensino bilíngue para surdos na educação de jovens e adultos**. Disponível em: <<https://repositorio.ifpb.edu.br/bitstream/177683/1684/1/Considera%3a7%c3%b5es%20sobre%20o%20ens%20bil%20p%20surd%20na%20ed%20de%20jovens%20e%20adultos%20-%20Ana%20Paula%20P.%20Fran%c3%a7a.pdf>>. Acesso em 24 jan. 2024.

JESUS, J. D.; Fernandes, S. F. **Educação bilíngue para surdos/as**: um estudo comparativo da escola bilíngue e do Atendimento Educacional Especializado (AEE) na escola inclusiva. Disponível em <https://periodicos.flcar.unesp.br/iberoamericana/article/view/10355>. Acesso em 27 ago. 2024

LOPES, M. C. **Surdez e Educação**. São Paulo: Autêntica, 2017.

OLIVEIRA, M. S. A. **Preconceito e discriminação em histórias sinalizadas surdas em Juazeiro do Norte – CE**. 2020. 110f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Regional do Cariri, Crato, 2020.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PETERSON, I. J. **Uma avaliação da educação dos surdos na inclusão escolar**: estudo de casos. (Monografia apresentada ao Curso de Pós-graduação em LIBRAS) - Instituto Superior de Teologia Aplicada – INTA. Juazeiro do Norte, 2012.

PRODANOV, C. C.; Freitas, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Disponível em: <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao> Acesso em 16 abr. 2024.

Projeto classifica educação bilíngue para surdos como modalidade de ensino, Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/774138-projeto-classifica-educacao-bilingue-para-surdos-como-modalidade-de-ensino/>>. Acesso em 15 dez. 2022.

REIS, F.; Lima, M. D. **Educação Bilíngue de Surdos na LDB**: Uma Nova Conquista do Movimento Surdo. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8670061/30751>>. Acesso em 27 ago. 2024.

RIZZI, L. E. S.; GUIMARÃES, C. **Conceito Deafhood pela obra de Paddy Ladd - Entendendo a cultura surda**: Em pesquisa de deafhood. Disponível em: <<https://eventos.utfpr.edu.br/sicite/sicite2019/paper/viewFile/5244/1300>>. Acesso em 27 ago. 2024

SANTOS, A. P. S.; GOES, R. S. **Língua Brasileira de Sinais – Libras**. UNIASSELVI, 2016. Disponível em:<<https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=24803>>. Acesso em 23 jan. 2024.

SOARES, Leticia. **Qual a diferença entre Educação especial e Educação Inclusiva?** Disponível em:<<https://guiaderodas.com/qual-a-diferenca-entre-educacao-especial-e-educacao-inclusiva/>>. Acesso em 24 jan. 2024.

Recebido: 16 de maio de 2025
Aceite: 15 de julho de 2025